

SOBREVIVENTES CONTAM BARBARIDADES E CRIMES

por Cassimo Ginabay, da AIM

Uma sobrevivente do massacre de sexta-feira em Tanninga contou ontem à AIM, que muitas crianças foram atiradas ainda vivas para as viaturas em chamas, pelos bandidos armados.

Tanninga dista 30 quilómetros a norte de Maputo, próximo da vila da Palmeira, onde há pouco tempo os bandidos atacaram uma outra coluna de veículos.

«O machimbombo em que seguia estava a arder e eu vi os bandidos ati-

vinham repletos de passageiros e seguiam para as províncias de Gaza e Inhambane, no sul de Moçambique.

Expressando-se ora em português, ora em changana, uma das línguas nacionais faladas no sul de Moçambique, Leonor Tembe acrescenta que seguia

Acrescentou que os bandidos separaram a coluna ao meio e começaram a disparar de todos os lados, tendo ela sido atingida na perna, e o filho imediatamente cuspid.

Projectada para a berma da estrada, Leonor Tembe afirma que apesar de

«feitçaria» e munido de uma metralhadora.

Eles lançavam insultos à medida que fugiam, o que a levou a pensar neles como pessoas «drogadas».

Outro sobrevivente contactado pela AIM, é o velho Goveia Chechuaio, de 61 anos. Ele viajava num machimbombo da transportadora privada «Manuel Antunes», com destino a Chimongo, na província de Gaza. Ele tinha estado em Maputo para uma consulta da vista e devia estar de regresso para uma nova consulta.

Apresentando a vista direita já cega, o velho Goveia está a recuperar das balas que o atingiram em ambos os braços.

Interrogei-o como foi possível fugir naquele estado de saúde. Ele respondeu que «placou» e dessa forma conseguiu fugir.

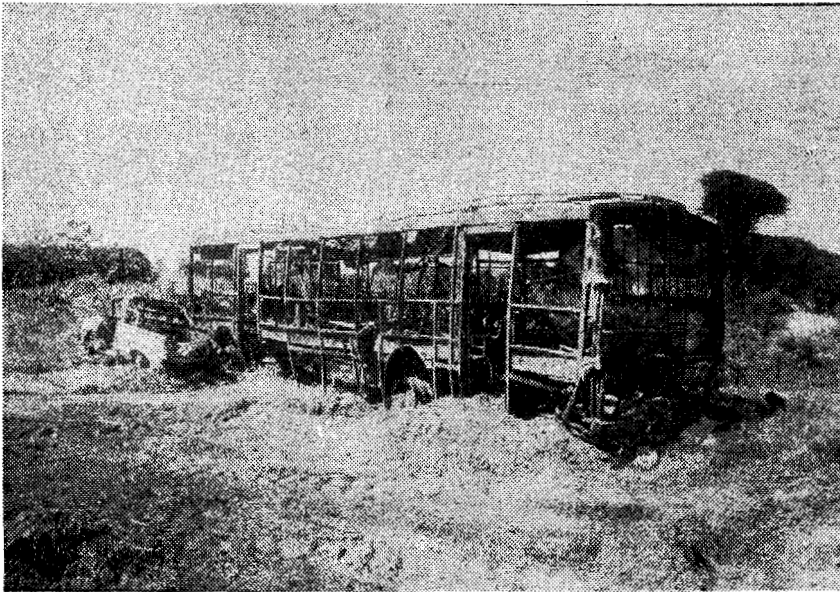
Recorda que viu muitos corpos já sem vida a serem retirados das viaturas incendiadas para o Hospital da Manhica, cerca de 10 quilómetros de Tanninga.

Goveia fez saber, que se não fosse a intervenção das Forças Armadas, a tragédia «seria pior».

A AIM esteve igualmente com Cremilda Chovangaz, de cinco anos. Ela foi igualmente atingida junto com a sua avó no autocarro em que viajavam.

Ela é a única criança daquele massacre que se encontra instalada na sala da ortopedia infantil do Hospital Central de Maputo, com uma fractura exposta na perna devido às balas dos bandidos.

No local, a AIM soube que a criança se encontra desamparada, acompanhada somente pela servente a dar-lhe de comer. — (AIM)



Um dos autocarros incendiados pelos bandidos, no interior do qual haviam ainda corpos carbonizados de vítimas que não conseguiram escapar. (Foto de Anders Nilson)

rarem um grande número de crianças para o seu interior», disse Leonor Tembe, 45 anos.

Cerca de 18 veículos foram incendiados incluindo três autocarros que

no autocarro, juntamente com o filho, de nove meses e com o marido, quando os bandidos emboscaram a coluna de cerca de 50 veículos que circulavam na Estrada Nacional número 1.

estar inundada de sangue conseguiu arrastar-se até junto do filho, tendo-o escondido na areia.

A intervenção de uma unidade especial das Forças Armadas de Moçambique, que veio em socorro das vítimas, fez com que ela conseguisse amamentar o seu bebé que ficara mais de duas horas naquelas circunstâncias.

«O momento foi horrível», disse ela, acrescentando que quando os bandidos se aproximaram do local exigiram dos passageiros tudo quanto eles traziam, entre bens pessoais e comida.

«Perguntaram o que eu tinha, eu respondi que não trazia nada comigo, apenas a capulana que trazia no corpo. Então dispararam contra a minha perna», disse Tembe, que adiantou que quatro outras pessoas que estavam próximas dela, não tiveram a mesma sorte. Foram mortas.

Ela não precisou o número de mortos, limitando-se a dizer que eram muitas pessoas e outras foram raptadas.

Os bandidos vinham em dois grupos, observou Leonor Tembe, para acrescentar que enquanto uns matavam, outros procediam ao saque dos bens dos passageiros.

«Todos os haveres que eu trazia ficaram no machimbombo. Neste momento não tenho nada nem para vestir», comentou num tom de tristeza. Efectivamente, Leonor Tembe estava somente coberta por um simples lenço da unidade hospitalar onde se encontra a receber tratamento.

Ela e a sua família seguiam de Maputo para a região de Inhapossa na província de Inhambane, com a finalidade de assistirem a uma cerimónia religiosa do seu falecido sogro.

Numa primeira descrição dos bandidos, ela diz que «eram muitos» dirigidos por um outro que era o chefe. «Era muito escuro» com enfeites de